

Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos / Gláucia Castro Aguiar
Pio / Maria Eduarda Carvalho dos Reis / Meryane Sousa Oliveira /
Rodrigo Alves Silva

***Regência Verbal:
norma e uso***

Teresina, 2014.

*Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos / Gláucia Castro Aguiar Pio /
Maria Eduarda Carvalho dos Reis / Meryane Sousa Oliveira / Rodrigo Alves Silva*

Regência Verbal: norma e uso

Ficha Técnica

Diagramação: Lucivaldo Alves

Revisão: Digenário Pessoa

Capa/ Contracapa: Lucivaldo Alves

Impressão: Gráfica Lotus

FICHA CATALOGRÁFICA

R333 Regência Verbal: norma e uso / Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos... [et al.]. – Teresina: EDUFPI, 2014.
52p.
ISBN 978-85-7463-790-7
1. Regência verbal. 2. Português – Gramática.
I. Anjos, Marcelo Alessandro Limeira dos.

CDD 469.5

SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas	5
Lista de Quadros	7
Apresentação	9
Prefácio	13
1. verbo ACARRETAR	15
2. verbo AGRADAR	16
3. verbo ASPIRAR	17
4. verbo ASSENTIR	19
5. verbo ASSISTIR	21
6. verbo ATINGIR	23
7. verbo CHEGAR	24
8. verbo CUSTAR	25
9. verbo (DES)OBEDECER	27
10. verbo ESQUECER/LEMBRAR	29
11. verbo IMPLICAR	31
12. verbo IR	32
13. verbo NAMORAR	33
14. verbo PAGAR	35
15. verbo PERDOAR	36
16. verbo PREFERIR	37
17. verbo RESPONDER	40
18. verbo SATISFAZER	41
19. verbo SOBRESSAIR	43
20. verbo SUCEDER	44
21. verbo VIR	46
22. verbo VISAR	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51



Lista de Abreviaturas

- DP*** Dicionários Padrão
DUP Dicionário de Usos do Português Brasileiro
GR Gramáticas de Referência
GUP Guia de Usos do Português
n/e não encontrado
NC Norma Culta
NP Norma Padrão
prep. preposição
VTD Verbo Transitivo Direto
VTI Verbo Transitivo Indireto
VTDeI Verbo Transitivo Direto e Indireto



Lista de Quadros

Quadro 1 catalogação de transitividade do verbo Acarretar em fontes prescritivas e descritivas.....	15
Quadro 2 catalogação de transitividade do verbo Agradar em fontes prescritivas e descritivas.....	16
Quadro 3 catalogação de transitividade do verbo Aspirar em fontes prescritivas e descritivas.....	18
Quadro 4 catalogação de transitividade do verbo Assentir em fontes prescritivas e descritivas.....	20
Quadro 5 catalogação de transitividade do verbo Assistir em fontes prescritivas e descritivas.....	21
Quadro 6 catalogação de transitividade do verbo Atingir em fontes prescritivas e descritivas.....	23
Quadro 7 catalogação de transitividade do verbo Chegar em fontes prescritivas e descritivas.....	24
Quadro 8 catalogação de transitividade do verbo Custar em fontes prescritivas e descritivas.....	26
Quadro 9 catalogação de transitividade do verbo Des(obedecer) em fontes prescritivas e descritivas.....	28
Quadro 10 catalogação de transitividade do verbo Esquecer/Lembrar em fontes prescritivas e descritivas.....	30
Quadro 11 catalogação de transitividade do verbo Implicar em fontes prescritivas e descritivas.....	31
Quadro 12 catalogação de transitividade do verbo Ir em fontes prescritivas e descritivas.....	33
Quadro 13 catalogação de transitividade do verbo Namorar em fontes prescritivas e descritivas.....	34
Quadro 14 catalogação de transitividade do verbo Pagar em fontes prescritivas e descritivas.....	35

Quadro 15 catalogação de transitividade do verbo Perdoar em fontes prescritivas e descritivas.....	36
Quadro 16 catalogação de transitividade do verbo Preferir em fontes prescritivas e descritivas.....	38
Quadro 17 catalogação de transitividade do verbo Responder em fontes prescritivas e descritivas.....	40
Quadro 18 catalogação de transitividade do verbo Satisfazer em fontes prescritivas e descritivas.....	42
Quadro 19 catalogação de transitividade do verbo Sobressair em fontes prescritivas e descritivas.....	43
Quadro 20 catalogação de transitividade do verbo Suceder em fontes prescritivas e descritivas.....	45
Quadro 21 catalogação de transitividade do verbo Vir em fontes prescritivas e descritivas.....	46
Quadro 22 catalogação de transitividade do verbo Visar em fontes prescritivas e descritivas.....	48

Apresentação

Este primeiro volume não pretende ser nem um substituto de instrumentos linguísticos (gramáticas e dicionários), nem um substituto de obras descritivas (gramáticas descritivas, por exemplo). Estas, por inúmeras razões, ficam basicamente restritas ao universo acadêmico e aqueles, em geral, são os que servem de base para as aulas de ‘Gramática’. Nesta nossa proposta, procura-se, sim, na medida do possível, **um diálogo/média entre as duas abordagens**, buscando, desse modo, fugir tanto do prescritivismo propriamente dito (o dos gramáticos tradicionalistas, na maioria dos casos) quanto do prescritivismo às avessas (o de alguns linguistas).

Neste volume, serão discutidos 22 verbos sugeridos por Bagno (2011), que enumera 33. Em um segundo volume, serão discutidos os 11 que faltam, além de outros.

No rol dos instrumentos linguísticos aqui utilizados, estão: três Gramáticas de Referência (BECHARA, 2001; CUNHA e CINTRA, 2008; e ROCHA LIMA, 2012); três Dicionários Padrão (AULETE, 2011; AURÉLIO, 2010; e HOUAISS, 2009) e um Dicionário de Regência Verbal (LUFT, 2010). Todas estas fontes são representativas de uma perspectiva prescritivo-normativa.

As regras catalogadas nos instrumentos linguísticos acima citados foram confrontadas com os usos encontrados no *Dicionário de Usos do Português do Brasil (DUP)*, de Borba, 2002; no *Guia de uso do português (GUP)*, de Neves, 2003; e no *Corpus* selecionado para esta pesquisa. Neste caso, a catalogação de usos escritos cultos se deu a partir de um *Corpus* composto de gêneros textuais com um alto grau de monitoramento e contou com o seguinte percurso metodológico: foram selecionadas teses e dissertações de diferentes áreas do conhecimento, publicadas entre os anos de 2000 e 2012 e vin-

culadas a diferentes instituições de ensino superior. No total, foram selecionadas 40 dissertações e 45 teses dos repositórios digitais da Universidade Federal do Pará (UFPA), da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e da Universidade de São Paulo (USP). Das 40 dissertações, 20 são da área de Humanas (Ciências Sociais – UFPA; Direito – USP e UnB; e Antropologia Social – UNICAMP) e 20 são da área de Exatas (Engenharia Elétrica – UFPA; e Matemática – UnB, UNICAMP e USP). Das 45 teses, 25 são da área de Humanas (Ciências Sociais – UFPA, Direito – UnB e USP, Antropologia Social – UNICAMP e Jornalismo – UnB) e 20 são da área de Exatas (Engenharia Elétrica – UFPA e Matemática – UnB, UNICAMP e USP).

A opção por textos mais monitorados (teses e dissertações) se deu porque permite o confronto das ocorrências efetivamente utilizadas (*NC*) com as regras prescritas em gramáticas (*NP*), conforme Faraco (2008). O recorte temporal referido acima se justifica porque os *corpora* de língua escrita culta de, por exemplo, um *Dicionário de Usos do Português do Brasil-DUP* (obra referencial quando se trata de se ter um parâmetro linguístico quanto aos usos escritos cultos), de Borba (2002), já compreendem com 70 milhões ocorrências de palavras do português brasileiro, um período de tempo que vai de 1950 a 1997. Ou seja, selecionou-se um *corpus* mais próximo possível dos usos escritos cultos atuais. A grande diversidade genérica no *DUP* permite, obviamente, uma visão mais realística sobre cada uso linguístico.

Dito isso, o mencionado confronto entre as regras prescritivas (*NP*) e usos efetivamente realizados (*NC*) é que permitirá, conforme cada caso, e, ao fim de cada seção, sugerir tanto ao professor quanto ao aluno como proceder com cada verbo, ou seja, poderão o professor e o aluno ver que, do confronto, os usos escritos cultos são quantitativamente superiores àqueles prescritos nos instrumentos linguísticos e isso pode favorecer a adoção dessa regra, mas, o contrário pode ser verdadeiro também, poderão o professor e o aluno ver que prevalecem as regras prescritas nesses instrumentos. Em qualquer um dos casos, deve ficar claro que **a opção pela escolha de um ou**

outro uso é de responsabilidade de quem quer se apropriar da regra para fins de escrita, seja no sentido de seguir só a *NP*, seja no sentido de seguir só a *NC*, ou as duas.

Cumpre uma última palavra sobre: 1) a forma de assinalar os exemplos extraídos do *Corpus*; 2) a forma de menção às teses e dissertações; 3) os *hápax legómenon* e 4) as notas de rodapé. No primeiro caso, decidiu-se assinalar com aspas duplas e sem itálico os trechos efetivamente retirados do *Corpus* e sem aspas, mas com itálico, aqueles que não foram encontrados e que, portanto, tiveram de ser criados pelos autores deste livro. No segundo, decidiu-se não listar, nas referências bibliográficas, as teses e dissertações consultadas no intuito de preservar o nome dos autores. A menção a elas é feita a partir do uso de um código, como D1HUNICAMP_05, p.42, no qual se tem: D (Dissertação) ou T (Tese); 1 (o número da dissertação em relação ao total); H (a área, no caso, a de Humanas); UNICAMP (a instituição); ano de publicação (2005) e página (p.42). Quanto ao terceiro, decidiu-se mencionar aqueles casos em que a frequência é muito baixa, ou mesmo zero ou unitária (*hápax legómenon*), pois, assim, se evidencia quais são os verbos efetivamente utilizados nos gêneros aqui selecionados e quais têm pouca frequência, o que, por sua vez, pode orientar o professor no que tange à seleção dos verbos a serem abordados em sala de aula, a depender do gênero eleito. Sobre o último, é de extrema importância sobrelevar a função das notas de rodapé, as quais, apesar de muito numerosas, devem ser lidas uma a uma, pois servem de complemento eficaz aos argumentos apresentados na sequência de cada quadro.

Esperamos, pois, que este primeiro volume possa servir como uma média arazoada das fontes prescritivas e descritivas consultadas e, deste modo, possa orientar, mais adequadamente, professores e alunos.

Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos
(Professor de Língua Latina e
de História da Língua Portuguesa na UFPI)



Prefácio

Carlos Alberto Faraco (UFPR)

Convivemos, no Brasil, com a esdrúxula situação da dualidade de normas linguísticas de referência – uma norma padrão e uma norma culta. A primeira foi arbitrariamente fixada nos fins do século XIX e começos do XX e vem sendo repetida desde então sem qualquer revisão crítica. Foi arbitrariamente fixada porque não se baseou em estudo sistemático da realidade e apenas reproduziu regras formuladas alhures ou simplesmente as inventou (como as famigeradas regras de colocação dos pronomes oblíquos). A norma culta, por sua vez, é a que se pratica de fato na fala monitorada e, exatamente por isso, se manifesta com frequência na escrita, mesmo que condenada por uma atitude (pseudo) purista.

Ora, ter duas normas é o mesmo que não ter nenhuma. Daí a grande insegurança no uso e no ensino da língua no Brasil. E os instrumentos normativos – gramáticas e dicionários – contribuem, em geral, pouco para elucidar essa situação: ora se apegam à norma padrão, chegando alguns ao extremo de um discurso categórico – o “é porque é” (a que costumo dar o nome de *norma curta*); ora incorporam fatos da norma culta, mas sempre com tanta timidez que acabam até por desmerecer os maiores escritores da nossa cultura.

Continuamos, então, desafiados a enfrentar criticamente essa situação em busca de parâmetros normativos mais claros. Há vários caminhos para alcançar esse objetivo. Um deles é percorrer os instrumentos normativos, apontando-lhes as diferenças e contradições no trato dos mesmos fatos linguísticos e, simultaneamente, confrontando-os com os dados oriundos da observação empírica sistemática.

É o que nos apresenta neste livro, o Prof. Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos, da Universidade Federal do Piauí, e seu grupo de estudos, tendo a regência de 22 verbos como objeto de análise.

*Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos / Gláucia Castro Aguiar Pio /
Maria Eduarda Carvalho dos Reis / Meryane Sousa Oliveira / Rodrigo Alves Silva*

Os autores percorrem as principais gramáticas e dicionários; confrontam seus enunciados com as detalhadas descrições do uso corrente já publicadas e se ocupam também de ampliar a observação empírica, construindo e analisando um *corpus* específico de escrita monitorada – teses e dissertações acadêmicas produzidas nos últimos anos.

O resultado é um valioso guia para professores e alunos, mas também para todos que escrevem. Os dados mostram com clareza os casos em que a norma padrão é apenas residual e os casos em que há um relativo equilíbrio entre a ocorrência da regência estipulada pela norma padrão e a regência culta efetivamente praticada.

É importante lembrar que esse relativo equilíbrio pode estar em parte falseado porque muitos textos, antes de serem publicados, sofrem a intervenção de revisores que costumam seguir muito estritamente a norma padrão. De qualquer forma, o relativo equilíbrio das ocorrências encontradas nos dados é já suficiente para reforçar a ideia de que não faz qualquer sentido condenar os usos cultos correntes. A dinâmica da história criou alternativas expressivas cultas, dando aos falantes o direito de escolha. É preciso reconhecer que estamos diante de um espaço de liberdade em que o discurso categórico e condenatório está fora de lugar.

Regência Verbal: norma e uso

O estudo dos verbos abaixo pressupõe, necessariamente, a leitura da **Apresentação** deste livro, uma vez que se trabalhará com conceitos como o de *NP* e *NC*, os quais são essenciais para a abordagem aqui proposta.

1. verbo **ACARRETAR**

Este verbo, na acepção de ‘causar, motivar, produzir, ocasionar’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTD (NP)*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTI (NC)*, com *prep. em*.

Abaixo, constam as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (*GR*); em Dicionários Padrão (*DP*); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (*DUP* e *GUP*).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	<i>VTD</i>	<i>VTD</i>	<i>VTD</i>	<i>VTD</i>	<i>VTD</i> ¹ ou <i>VTI</i> ²	<i>n/e</i>	

Quadro 1: catalogação de transitividade do verbo *Acarretar* em fontes prescritivas e descritivas.

Está clara a grande preferência pela transitividade aconselhada pela tradição (*VTD*). Apenas em nosso *Corpus* ocorrem usos com a transitividade indireta (com *prep. em*) (ver nota 2).

¹ Transitividade com 56 ocorrências, ou 78,9% (*NP*).

² Transitividade com 15 ocorrências, ou 21,1% (*NC*).

Orientação ao professor/aluno:

Usar, preferencialmente, a transitividade padrão (VTD), sem uso de *prep.*, como no exemplo a seguir, extraído de *Corpus deste livro*: 1) “O tamanho da revista **acarretou corte nas bordas da imagem digitalizada” (D1HUNICAMP_05, p. 42). O uso com *prep. em*, apesar de menos frequente, também é possível, como no exemplo: 2) “Tal fato **acarreta em uma das dificuldades** encontradas na resolução de problemas” (D5EUFPA_09, p. 30).**

2. verbo AGRADAR

Este verbo, na acepção de ‘satisfazer, contentar, dar prazer’ e afins, é tradicionalmente tido como **VTI (NP)**, com *prep. a*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como **VTD (NC)**, sem *prep.*

No quadro 2, há informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (**GR**); em Dicionários Padrão (**DP**); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (**DUP** e **GUP**).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
VTI	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	VTI ou VTD ³	VTI ou VTD ⁴	VTI ou VTD ⁵	VTI ou VTD	VTI ⁶ ou VTD ⁷	VTI ou VTD	VTI ou VTD ⁸

Quadro 2: catalogação de transitividade do verbo **Agradar** em fontes prescritivas e descritivas.

³Ver, na acepção 1, a seguinte abonação: “...E havia que *agradar os forasteiros, para que voltassem...*” (Alberto da Costa e Silva).

⁴Ver acepção 1 (**VTI**), com o seguinte exemplo: “A *gentileza do rapaz agradou a todos*” e a acepção 4 (**VTD**). O Aurélio não traz exemplo ou abonação para a acepção 4.

⁵Ver, na acepção 1, o seguinte exemplo: “*agradava os filhos*”.

⁶Transitividade com 13 ocorrências, ou 52% (**NP**).

⁷Transitividade com 12 ocorrências, ou 48% (**NC**).

⁸Ver observação de Neves (2003, p. 48): “Entretanto, é comum o uso de complemento **sem preposição** nesta última acepção” (na mesma acepção aqui analisada) (grifo nosso em negrito).

Regência Verbal: norma e uso

A maioria das fontes admite o uso do verbo, nas acepções indicadas, ora como *VTI (NP)*, com *prep. a*, ora como *VTD (NC)*, sem *prep.* Trata-se, pois, de um evidente caso de formas variantes, quando, no mínimo, duas formas estão disponíveis para o uso.

Orientação ao professor/aluno:

Usar tanto a transitividade padrão (VTI), com uso de *prep. a*, quanto a culta (NC), como nos exemplos extraídos do *Corpus*: 1) “Assim, um ensaio sensual terá mais sucesso quanto mais o entrevistado puder dizer frases que **agradem às leitoras. (...)” (D1HUNICAMP_05, p. 124) e/ou 2) “(...) deve-se ter conteúdos específicos que possam **agradar o leitor**, sendo que o gênero é o principal componente deste filtro. (...)” (D1HUNICAMP_05, p. 184).**

3. verbo **ASPIRAR**

Este verbo, na acepção de ‘almejar, pretender, desejar’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTI (NP)*, com *prep. a*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTD (NC)*, sem *prep.*

Abaixo, constam as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (*GR*); em Dicionários Padrão (*DP*); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (*DUP* e *GUP*).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
VTI	VTI ou VTD ⁹	VTI	VTI	VTI	VTI	VTI ou VTD ¹⁰	VTI ¹¹ ou VTD ¹²	VTI ¹³ ou VTD	VTI ou VTD ¹⁴

Quadro 3: catalogação de transitividade do verbo **Aspirar** em fontes prescritivas e descritivas.

Das dez fontes consultadas, cinco dão uma única opção (**VTI**), enquanto as outras cinco sugerem duas (**VTI** ou **VTD**). Interessante que, neste último caso, três das cinco fontes são descritivas, o que pode evidenciar certa desatualização dos instrumentos linguísticos (dicionários e gramáticas). Além disso, duas fontes prescritivas (ver notas 9 e 10) já dão conta do uso do verbo com a transitividade direta.

⁹ Ver observação de Cunha e Cintra (2008, p. 533): “Advirta-se, porém, que, embora invariavelmente condenado pelos gramáticos, o **regime direto** se insinua, vez por outra, na pena de escritores brasileiros modernos e contemporâneos” (grifo nosso em negrito).

¹⁰ Luft (2010, p. 76) afirma: “É uma inovação regencial sob a pressão semântica dos sinônimos ‘desejar’, ‘querer’, ‘pretender’, etc., todos **transitivos diretos**” (grifo nosso em negrito).

¹¹ Transitividade com 16 ocorrências, ou 61,5% (**NP**).

¹² Transitividade com 10 ocorrências, ou 38,5% (**NC**).

¹³ Apesar de nas informações gramaticais da acepção 5 do verbete do verbo em questão Borba só apresentar o uso da *prep. a* (com nomes abstratos: “a obra educativa deve aspirar à formação integral de personalidade (PE)” (exemplo extraído de BORBA, 2002, p. 140), há, no caso de complemento com oração infinitiva (“Ele aspirava realizar-se escrevendo uma obra séria (PCI)” (exemplo extraído de BORBA, 2002, p. 140), a omissão da *prep. a*, conforme este último exemplo.

¹⁴ Neves (2003, p. 94) apresenta argumentação semelhante à de Luft (ver nota 10): “Entretanto, ele ocorre (25%) com complemento **sem preposição** (objeto direto), talvez por sugestão da regência de verbos do mesmo significado (**almejar, pretender**)” (grifo nosso em negrito).

Orientação ao professor/aluno:

Usar tanto o verbo como VTI (NP), com *prep. a*, quanto VTD (NC), sem *prep.*. Para tanto, ver exemplos a seguir, extraídos de *Corpus* selecionado para este livro: 1) “(...) não deviam ser poucos os obstáculos e os constrangimentos a que estavam expostos os raros negros e mestiços que tiveram condições de **aspirar a uma vaga nos estabelecimentos de ensino de elite. (...)” (T3HUNICAMP_11, p. 50) **e/ou** 2) “(...) a Academia dos Rebeldes reuniu, em Salvador, um grupo de jovens que **aspiravam projeção intelectual** e literária, cujas idades variavam entre 15 e 28 anos. (...)” (T3HUNICAMP_11, p. 89).**

4. verbo **ASSENTIR**¹⁵

Este verbo, na acepção de ‘aceitar, concordar, consentir, dar permissão/aprovação’ e afins, é tradicionalmente tido como **VTI (NP)**, com *prep. a*. Pode haver usos dele como **VTI (NC)**, com *prep. em*.

Seguem, no quadro abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (**GR**); em Dicionários Padrão (**DP**); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (**DUP** e **GUP**).

¹⁵No caso dos verbos em que ocorrem preposições diferentes tanto para a *NP* quanto para a *NC*, elas serão mencionadas no respectivo quadro.

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
VTI(a)	n/e	n/e	VTI (em ou a) ¹⁶	VTI (em, com ou a) ¹⁷	VTI(em ou com) ¹⁸	VTI (em ou a)	n/e	VTI (em ou com)	VTI(em ou com)

Quadro 4: catalogação de transitividade do verbo **Assentir** em fontes prescritivas e descritivas

Todas as fontes atestam, excetuando-se Bechara, nas acepções indicadas, o uso da *prep. em*, que, segundo nossa perspectiva, é um uso culto (NC). Parece, neste caso, que tal uso já está devidamente consolidado, inclusive em instrumentos linguísticos. Além da ocorrência da *prep. em*, há aquele que se vale da *prep. com*, usada em construções intransitivas. O uso desta *prep. com* talvez se justifique por influência de seu sinônimo ‘concordar’. Em duas das fontes descritivas, não consta o uso da *prep. a*.

Orientação ao professor/aluno:

Sugerir, nas acepções indicadas, os usos das preposições *a* e *em*, como nos exemplos a seguir: *O pai assentiu na orientação homoafetiva da filha e/ou O pai assentiu aos caprichos da filha.*

¹⁶ Ver, na acepção 1, os exemplos: “O diretor assentiu em falar na reunião” e “Quando indagaram se ela estava cansada, ela assentiu com a cabeça”. Apesar de reconhecer o uso da *prep. a*, o Aulete não traz exemplo para este caso.

¹⁷ Ver os exemplos das acepções 1 e 2, a seguir: 1) “Assentiu no casamento da filha; Assentiu com um movimento de cabeça e 2) Costuma assentir aos caprichos da mulher”.

¹⁸ Ver o exemplo das acepções 1 e 3, respectivamente: “assentiu na escolha do filho” e “assentiu alegremente com um gesto”.

5. verbo ASSISTIR

Este verbo, na acepção de ‘ver, presenciar, estar presente’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTI (NP)*, com *prep. a*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTD (NC)*, sem *prep.*

No quadro 5, estão as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (*GR*); em Dicionários Padrão (*DP*); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (*DUP* e *GUP*).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>VTI</i>	<i>VTI</i> ¹⁹	<i>VTI</i>	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ²⁰	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ²¹	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ²²	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ²³	<i>VTI</i> ²⁴ ou <i>VTD</i> ²⁵	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ²⁶	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ²⁷

Quadro 5: catalogação de transitividade do verbo *Assistir* em fontes prescritivas e descritivas

¹⁹ Em Cunha e Cintra (2008, p. 534), tem-se: “Na linguagem coloquial brasileira, o verbo constrói-se, em tal acepção, de preferência com **OBJETO DIRETO** [...], e escritores modernos têm dado acolhida à regência gramaticalmente condenada.” (grifo nosso em negrito).

²⁰ Interessante destacar a observação do dicionário Aulete (2011, p. 161): “Nas aceps. 1 e 2 (as que nos interessam aqui), na **linguagem coloquial**, o verbo é freq. us. como td.: assistir um programa/uma aula” (grifo nosso em negrito).

²¹ No Aurélio (versão eletrônica), vê-se: “Nota-se, no Brasil, viva tendência para o emprego do verbo em tal acepç., como transitivo direto: Assistiu a reunião”. Na sequência deste exemplo, o dicionário apresenta outros, colhidos em obras literárias.

²² No Houaiss (versão eletrônica), tem-se a seguinte observação sob a rubrica de uso: “GRAM/USO no Brasil, é comum o uso deste verbo como t.d.: *assistir o filme*” (grifo nosso em negrito).

²³ Luft (2010, p. 79) cita Cunha e Lessa a fim de evidenciar o uso do verbo como transitivo direto, mas aconselha: “Isso não impede que, para a **linguagem culta formal**, se aconselhe a regência originária (assistir a um espetáculo, a ele)” (grifo nosso em negrito).

²⁴ Transitividade com 32 ocorrências, ou 58,2% (*NP*).

²⁵ Transitividade com 23 ocorrências, ou 41,8% (*NC*).

²⁶ Borba, no *DUP*, traz exemplos extraídos de diversos gêneros textuais escritos, tanto com preposição quanto sem ela.

²⁷ Quanto ao uso do verbo como transitivo direto, afirma Neves (2003, p. 96): “Entretanto, esse verbo ocorre (20%) com complemento **sem preposição** (objeto direto), talvez por sugestão da regência de verbos do mesmo significado (**ver, presenciar**)” (grifo nosso em negrito).

Com exceção das Gramáticas, todas as fontes admitem, de forma bem diferente, diga-se de passagem, a ocorrência do verbo como transitivo direto. Uma fala de uso coloquial (Aulete); outra de uso, simplesmente, sem deixar claro de que modalidade se trata, se falada ou escrita (Houaiss); outra de “viva tendência”, inclusive com vários exemplos de textos escritos cultos (Aurélio); e uma que aconselha, apesar de também reconhecer a transitividade direta, a regência originária (Luft). Dada essa falta de uniformidade de opiniões, a análise das fontes descritivas é elucidativa, uma vez que todas trabalham com textos escritos muito monitorados: 1) o **Corpus** selecionado para esta pesquisa apresenta percentuais próximos, tanto para a **NP** (58,2%) quanto para a **NC** (41,8%); 2) Borba traz exemplos com uma e outra transitividade em vários gêneros textuais e 3) Neves apresenta, também partindo de textos escritos cultos, um percentual de 20% de complemento sem **prep.**. Insistindo na importância dessas fontes descritivas, tem-se, claramente, a presença do verbo, como transitivo direto, inclusive em textos escritos muito monitorados.

Orientação ao professor/aluno:

Usar com *prep. a* ou sem ela, principalmente, se se leva²⁸ em conta as fontes descritivas. Ver exemplos a seguir, extraídos de *Corpus* selecionado para este livro: 1) “(...) Como se não fora demasiado sofrimento, Zidji, ao voltar para a aldeia de seu tio, **assiste ao suicídio do irmão de seu tio, envolto em problemas conjugais. (...)” (D2HUNICAMP_06, p. 133) **e/ou** 2) “(...) Depois todos vão para casa e, enquanto os maridos tomam banho e **assistem televisão**, as esposas fazem o almoço, que é servido mais cedo. (...)” (T1HUNICAMP_10, p. 137).**

²⁸ O uso do verbo no singular se justifica porque preferimos a análise de estrutura deste tipo como a de um sujeito indeterminado e não de uma voz passiva sintética. Como a proposta aqui sempre busca ser conciliatória, nada impede o uso também no plural.

6. verbo **ATINGIR**

Este verbo, na acepção de ‘chegar a, alcançar certo nível’ e afins, é tradicionalmente tido como **VTD (NP)**. Pode haver usos dele como **VTI (NC)**, com *prep. a*.

Eis, abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, as quais foram colhidas em Gramáticas de Referência (**GR**); em Dicionários Padrão (**DP**); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (**DUP** e **GUP**).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
VTD	n/e	n/e	VTD ou VTI ²⁹	VTD ou VTI ³⁰	VTD ou VTI ³¹	VTD ou VTI ³²	n/e	VTD	n/e

Quadro 6: catalogação de transitividade do verbo **Atingir** em fontes prescritivas e descritivas

Das dez fontes, o verbo em questão não foi encontrado em quatro e em duas há somente a possibilidade prevista pela tradição (**VTD**). Nas outras quatro, há duas possibilidades, a padrão (**VTD**) e a culta (**VTI**), esta com *prep. a*. Ver as notas 31 e 32, que explicam o motivo do uso da *prep. a*.

²⁹No Aulete (2011, p. 168), tem-se o seguinte exemplo: *A temperatura atingiu (a) graus extremos*. O uso dos parênteses significa que o verbo pode ser usado com ou sem *prep.*

³⁰No Aurélio (versão eletrônica), na acepção 10, afim à que aqui nos interessa, há a indicação de uso com *prep. a*, inclusive com abonação literária.

³¹No Houaiss (versão eletrônica), tem-se a seguinte observação, sob a rubrica de uso: “GRAM/USO o empr. como v.t.i. deve-se à influência de *chegar*, verbo de movimento, que exige a *prep. a*”.

³²Luft (2010, p. 83), baseando-se em Nascentes (1960, pp. 49-50), apresenta a seguinte observação: “Embora conserve sua qualidade de transitivo direto, por influência de *chegar*, verbo de movimento, construído com a preposição *a*, passou a transitivo indireto na linguagem de escritores portugueses e brasileiros, numerosos e bons”.

Orientação ao professor/aluno:

Usar tanto a transitividade direta quanto a indireta (*prep. a*), referendada por bons instrumentos linguísticos (dicionários). Ver exemplos de *NP* e *NC*: *Ninguém atingiu, na empresa, as/às metas estabelecidas.*

7. verbo CHEGAR

Este verbo, na acepção de ‘completar ação de ir a/em algum lugar (locativo)’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTI (NP)*, com *prep. a*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTI (NC)*, com *prep. em*.

No quadro 7, constam as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (*GR*); em Dicionários Padrão (*DP*); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (*DUP* e *GUP*).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>VTI(a)</i>	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	<i>VTI ('a')</i>	<i>VTI ('a')</i>	<i>VTI('a')</i>	<i>VTI ('a') ou VTI³³ ('em')</i>	<i>VTI³⁴ ('a') ou VTI³⁵ ('em')</i>	<i>VTI ('a') ou VTI ('em')</i>	<i>VTI ('a') ou VTI³⁶ ('em')</i>

Quadro 7: catalogação de transitividade do verbo **Chegar** em fontes prescritivas e descritivas.

³³ Em Luft (2010, p. 116), tem-se a seguinte observação: “Verbo de ‘movimento para’, é natural reger ele preposição *a* diante do complemento de lugar. No Brasil, entretanto, usa-se muito a preposição *em* (exclusiva, diante de casa ‘lar’: *chegar em casa* e não *chegar a casa*), como aliás também com outros verbos de movimento”.

³⁴ Transitividade com 116 ocorrências, ou 71,2% (*NP*).

³⁵ Transitividade com 47 ocorrências, ou 28,8% (*NC*).

³⁶ Em Neves (2003, p. 179), tem-se seguinte observação: “Entretanto, em ambos os casos, ocorrem (20%) construções com a preposição *em*, e, na verdade, pode-se indicar uma especificidade de sentido que cada uma das duas preposições confere: a preposição *a* marca o ponto de chegada (com destaque para o movimento), enquanto a preposição *em* marca o lugar de estada, decorrente da chegada (com destaque para a permanência)”.

Os instrumentos linguísticos, com exceção de Luft, só vislumbram a possibilidade de uso do verbo *chegar*, na indicação de movimento, com *prep. a*. Nesta mesma indicação, Luft e a parte de descrição do quadro (ver notas 34 e 36) conferem dupla possibilidade de uso para o verbo em questão, ou seja, com *prep. a* ou *em*.

Orientação ao professor/aluno:

Na indicação de ‘movimento a/em algum lugar’, usar uma (a) ou outra (em) prep. como nos exemplos a seguir, extraídos de *Corpus* selecionado para este livro: 1) “O Dr. Simão Bacamarte **chega a Itaguaí vindo da Europa e tenta encontrar uma resposta para o enigma da loucura” (T5HUFPA_07, p. 56) e/ou 2) “**Chegou em** Tomé-Açu, em 1956, para trabalhar nas lavouras da pimenta indiana, de propriedade de Haruo Onuma” (D4HUFPA_08, p. 65).**

8. verbo CUSTAR

Este verbo, na acepção de ‘ser difícil, penoso’, ‘demorar’ e afins, é tradicionalmente tido como verbo impessoal (*NP*). Há, no entanto, usos cultos escritos dele como verbo pessoal com sujeito exposto (*NC*).

Seguem, no quadro abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (*GR*); em Dicionários Padrão (*DP*); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (*DUP* e *GUP*).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	imp. ou pess. ³⁷	pess. ³⁸	imp. ou pess.	imp. ou pess. ³⁹	imp. ou pess. ⁴⁰	imp. ou pess. ⁴¹ ou pess. ⁴²	imp.	imp. ou pess. ⁴³

Quadro 8: catalogação de transitividade do verbo **Custar** em fontes prescritivas e descritivas.

Parece fora de dúvida que a forma pessoal (*NC*) já está devidamente acolhida, inclusive em instrumentos linguísticos. No Aulete, por exemplo, as acepções, somente na forma pessoal, denunciam a forte presença dela na língua escrita culta. Não há razão, pois, para referendar tão somente o uso impessoal. Tanto este quanto o pessoal são opções igualmente válidas, apesar de a forma pessoal ser a mais mencionada, o que se pode comprovar a partir da leitura das notas 37 a 43.

³⁷ Em Rocha Lima (2012, p. 519), tem-se a seguinte observação: “Parece certo que a forma pessoal, acompanhada de preposição (*Custo a crer nisso; Custamos a resolver o problema.*), vulgarizada a partir do Romantismo, é contribuição brasileira à sintaxe e semântica desse verbo”.

³⁸ Ver os exemplos em Aulete (2011, p. 429): “Ela custou a entender” e “O ônibus custou a chegar”.

³⁹ Há pelo menos um exemplo que pode ser entendido como culto (*NC*): primeiro exemplo da acepção 4: “*custaram a entender o conceito*”.

⁴⁰ Em Luft (2010, p. 160), tem-se a seguinte observação: “Em lugar da construção [*custar* + Infinitivo + *a alguém*] surgiu no Brasil a construção [*alguém custar* + *a* + Infinitivo]. [...] Inovação sintática brasileira: [*custa* + infinitivo + *a alguém*] > [*alguém custa* + *a* + Infinitivo], talvez pelo modelo de [*demorar* ou *tardar* + *a* + Infinitivo]. Sintaxe ainda não bem vista em linguagem escrita formal, embora tenha entrado na língua literária já ao tempo do Romantismo.

⁴¹ Transitividade com 0 ocorrências, ou 0% (*NP*).

⁴² Transitividade com 2 ocorrências, ou 100% (*NC*).

⁴³ Em Neves (2003, p. 236), tem-se a seguinte observação: “Entretanto, é bastante usual – e não apenas na linguagem popular – a construção tradicionalmente condenada, que é a construção pessoal (em todas as pessoas), na qual o significado é o de ‘ter dificuldade em’, ‘demorar para’. Nessa construção, o infinitivo vem precedido da preposição *a*. (grifo nosso em negrito)

Orientação ao professor/aluno:

Usar tanto a forma impessoal quanto a pessoal, com preferência a esta última. Ver exemplo de uso pessoal, colhido em *Corpus* selecionado para este livro: “As mulheres costumam a se identificar como agricultoras com direitos adquiridos por sua árdua jornada no campo, e geralmente, entendem que esses direitos lhe são concedidos, como uma dádiva dos poderes constituídos.” (T4HUFPA_08, p. 292).

9. verbo **(DES)OBEDECER**

Este verbo, na acepção de ‘(não) obedecer, (não) sujeitar-se, (não) submeter-se’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTI (NP)*, com *prep. a*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTD (NC)*, sem *prep.*

No quadro 9, seguem as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (**GR**); em Dicionários Padrão (**DP**); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (**DUP** e **GUP**).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
VTI	VTI ⁴⁴	VTI	VTI e VTD ⁴⁵	VTI	VTI	VTI e VTD ⁴⁶	VTI ⁴⁷ e VTD ⁴⁸	VTI e VTD	VTI e VTD ⁴⁹

Quadro 9: catalogação de transitividade do verbo **Des(obedecer)** em fontes prescritivas e descritivas.

Interessante observar os comentários de Cunha e Cintra (nota 44) e Luft (nota 46), os quais atestam o uso do verbo como transitivo direto em períodos pretéritos da língua portuguesa, inclusive no português clássico. Se se leva em conta que uma língua natural é sempre um fluxo de continuidades e mudanças, fácil fica entender que o uso antigo do verbo, como transitivo direto, nada mais é do que a continuidade histórica desse uso, que ainda permanece, consoante Luft, “na linguagem familiar e popular”. Acrescentamos, a partir da análise das fontes, que persiste também, e cada vez mais presente, na língua escrita culta muito monitorada.

⁴⁴ Em Cunha e Cintra (2008, p. 546), tem-se a seguinte observação: “Esta construção corresponde ao antigo regime TRANSITIVO DIRETO do verbo, que ainda se documenta em escritores do século passado (Meu tio Campelo ordenou-me e eu **o obedeco** – J. de Alencar, OC, III, 1243)”.

⁴⁵ Em Aulete (2011, p. 481), tem-se a seguinte observação: “No português do Brasil é comum, **na fala e na escrita**, o emprego deste verbo como td., sem preposição” (grifo nosso em negrito).

⁴⁶ Em Luft (2010, p. 200), tem-se: “Sintaxe preferida hoje na língua culta formal: *desobedecer a alguém* (*desobedecer-lhe*), *desobedecer a algo* (*desobedecer a ele*), *transitivo indireto*. No port. ant. e cláss. tb. ocorre *desobedecer alguém ou algo* (*desobedecê-lo* [...]), sintaxe que continua na linguagem familiar e popular”.

⁴⁷ Transitividade com 60 ocorrências, ou 75% (**NP**).

⁴⁸ Transitividade com 20 ocorrências, ou 25% (**NC**). Obs.: uma ocorrência culta é do verbo **desobedecer** (só ocorre esta vez) em uma locução verbal.

⁴⁹ Neves (2003, p. 256) afirma: “Entretanto, são comuns as ocorrências de complemento sem preposição (objeto direto), e alguns manuais gramaticais consideram admissíveis essa construção no caso de o complemento não ser pessoa”.

Orientação ao professor/aluno:

Usar, preferencialmente, a *prep. a*. O uso sem *prep.*, no entanto, parece estar cada vez mais presente na língua escrita culta, o que tende a validar mais ainda esse uso. Ver exemplos extraídos de *Corpus* selecionado para este livro: 1) “No entanto, para que estes dominados aceitem e **obedeçam este poder** é imprescindível que os detentores tenham uma autoridade reconhecida como legítima.” (D2HUFPA_07, p. 29) e/ou 2) “A imposição das normas é tão presente quanto a disposição dos empregados em **obedecer a elas**.” (T2HUFPA_09, p. 226)”.

10. verbo **ESQUECER/
LEMBRAR**

Estes verbos, nas respectivas acepções de ‘perder a lembrança’ e ‘trazer à memória’ e afins, são tradicionalmente tidos como *VTI*, se pronominais, (*NP*), com *prep. de*. Há, no entanto, usos cultos escritos deles como não pronominais *VTI (NC)*, com ou sem *prep. de*.

Seguem, no quadro abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (**GR**); em Dicionários Padrão (**DP**); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (**DUP** e **GUP**).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
VTI (pron.)	VTI (pron. ou não)	VTI (pron. ⁵⁰ ou não ⁵¹)	VTI (pron. ou não)	VTI (pron. ou não)					

Quadro 10: catalogação de transitividade dos verbos **Esquecer/Lembrar** em fontes prescritivas e descritivas.

Somente Bechara trabalha com uma opção (**NP**), enquanto as demais fontes aceitam tanto a construção padrão, com pronome, quanto a culta, sem pronome. As notas 50 e 51 evidenciam a dupla possibilidade e que sobressai a regência prevista pela tradição nos dois casos.

Orientação ao professor/aluno:

Usar as duas formas (pronominal com *prep.* e não pronominal com ou sem *prep.*). Ver exemplos a seguir, extraídos de *Corpus* selecionado para esta pesquisa: 1) “Lembravame do período correspondente ao final dos anos sessenta e início de setenta do século passado (...)” (D4HUFPA_08, p. 64) e/ou 2) “Também não esqueceu de alertar par que, futuramente, quando fosse registrar em linguagem escrita a prodigiosa narrativa de ocupação e organização social da Transamazônica, que dessem conta das trajetórias femininas nessa região, reservando-lhe um capítulo específico” (T4HUFPA_08, p. 21).

⁵⁰ Transitividade com 45 ocorrências, ou 73,8% (**NP**). Este percentual refere-se ao verbo ESQUECER. Quanto ao verbo LEMBRAR, eis as ocorrências e percentuais: Transitividade com 139 ocorrências, ou 70% (**NP**).

⁵¹ Transitividade com 16 ocorrências, ou 26,2% (**NC**). Este percentual refere-se ao verbo ESQUECER. Quanto ao verbo LEMBRAR, eis as ocorrências e percentuais: Transitividade com 62 ocorrências, ou 30% (**NC**). Interessante observar, no caso do verbo LEMBRAR, que as ocorrências encontradas no *Corpus* selecionado são predominantemente cultas, assim como os exemplos apontados por Borba (2002, p. 950) para o mesmo verbo.

11. verbo **IMPLICAR**

Este verbo, na acepção de ‘acarretar, pressupor’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTD (NP)*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTI (NC)*, com *prep. em*.

No quadro 11, seguem as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (*GR*); em Dicionários Padrão (*DP*); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (*DUP* e *GUP*).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>VTD</i>	<i>n/e</i>	<i>VTD</i> ou <i>VT1</i> ⁵²	<i>VTD</i>	<i>VTD</i> ou <i>VTI</i>	<i>VTD</i>	<i>VTD</i> ou <i>VTI</i>	<i>VTD</i> ⁵³ ou <i>VTI</i> ⁵⁴	<i>VTD</i> ou <i>VTI</i> ⁵⁵	<i>VTD</i> ou <i>VTI</i> ⁵⁶

Quadro 11: catalogação de transitividade do verbo **Implicar** em fontes prescritivas e descritiva 

Somente três das dez fontes trabalham com uma única opção, a transitividade direta, a qual segue a *NP*. No rol dos instrumentos linguísticos, cumpre enfatizar a opinião de Rocha Lima (ver nota 52), que já alertava para a presença, na língua culta, da sintaxe ‘implicar em’, já na metade do século passado. As fontes descritivas confirmam, assim como Rocha Lima, a significativa presença da *prep. em (VTI)*. Com base no *Corpus* (ver notas 53 e 54), pode-se afirmar que,

⁵² Afirma o autor: “Está ganhando foros de cidade na língua culta a sintaxe implicar em” (ROCHA LIMA, 2012, p. 524).

⁵³ Transitividade com 434 ocorrências, ou 65% (*NP*).

⁵⁴ Transitividade com 234 ocorrências, ou 35% (*NC*).

⁵⁵ Com *prep. em*.

⁵⁶ “Ele ocorre também com complemento iniciado pela preposição **em**, talvez por sugestão de regência do verbo **resultar**, que tem significado semelhante” (NEVES, 2003, p. 422).

quantitativamente, prefere-se não usar *prep. (VTD)*, mas não se pode ignorar o significativo percentual de uso com *prep. em*. Do exposto, é lícito afirmar que as duas regências (implicar Ø) e (implicar *em*) são igualmente válidas.

Orientação ao professor/aluno:

Usar tanto a construção (implicar Ø) quanto (implicar *em*).
Ver exemplos retirados de *Corpus* selecionado para este livro: 1) “A compreensão real de uma noção ou de uma teoria **implica na reinvenção** desta teoria pelo sujeito” (D5EUF-PA_09, p. 35) **e/ou** 2) “A violência geralmente é concebida como ação que **implica morte**, constrangimento, sofrimento ou lesões físicas e psicológicas contra a vontade daquele a quem a ação foi aplicada” (T5HUFPA_07, p. 21).

12. verbo **IR**

Este verbo, na acepção de ‘deslocar-se de um local a outro’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTI (NP)*, com *prep. a*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTI (NC)*, com *prep. em*.

Seguem, no quadro abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (*GR*); em Dicionários Padrão (*DP*); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (*DUP* e *GUP*).

Regência Verbal: norma e uso

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	<i>VTI(a)</i>	<i>VTI(a)</i>	<i>VTI(a)</i>	<i>VTI</i> (<i>a</i> ou <i>em</i>) ⁵⁷	<i>VTI(a)</i> ⁵⁸	<i>VTI</i> (<i>a</i> ou <i>em</i>)	<i>VTI</i> (<i>a</i> ou <i>em</i>) ⁵⁹

Quadro 12: catalogação de transitividade do verbo **Ir** em fontes prescritivas e descritivas.

Mais uma vez, é interessante a argumentação de Luft (nota 57), que vislumbra a continuidade histórica do uso da *prep. em*, sobretudo na fala. Essa argumentação histórica tem certa relevância se usada para atenuar os tons de crítica aos usos da *prep. em*.

Orientação ao professor:

Recomendar em contextos mais formais de escrita o uso do verbo com *prep. a*. Em contextos mais informais de escrita, o uso da *prep. 'em'* parece ser igualmente válido. Ver exemplo padrão, colhido em *Corpus* selecionado para este livro: 1) “A primeira vez que fui a esse local fiquei encantada” (T1HUNICAMP_10, p. 181).

13. verbo **NAMORAR**

Este verbo, na acepção de ‘ter relacionamento amoroso’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTD (NP)*. Pode haver usos dele como *VTI (NC)*, com *prep. com*.

⁵⁷ Luft (2010, p. 342) assevera: “No português brasileiro também ocorre *ir em*, sobretudo na fala, o que pode ser até sobrevivência da língua arcaica, herança da língua mãe (*lat. in urbem ire*): Vou em casa. Foi no centro [...]”.

⁵⁸ Transitividade com 10 ocorrências, ou 100% (*NP*).

⁵⁹ Neves (2003, p. 444) afirma: “Entretanto, ocorre (10%) a construção com complemento iniciado pela preposição **em**, acentuando-se, com isso, a ideia de lugar (o lugar a que a direção leva), e não a ideia de direção. Essa construção é condenada em lições normativas tradicionais”.

Seguem, no quadro abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (**GR**); em Dicionários Padrão (**DP**); em **Corpus** selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (**DUP** e **GUP**).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
VTD ou VTI ⁶⁰	n/e	n/e	VTD ou VTI	VTD ou VTI	VTD ou VTI	VTD ou VTI ⁶¹	VTD	VTD ou VTI	VTD ou VTI ⁶²

Quadro 13: catalogação de transitividade do verbo **Namorar** em fontes prescritivas e descritivas.

Com base principalmente nas notas de 60 a 62, tem-se atestado o uso do verbo **Namorar** com *prep. com*. Esta construção, em qualquer modalidade de língua, parece, de fato, ser a preferida.

Orientação ao professor:

Sugerir, predominantemente, em qualquer contexto, o uso do verbo *Namorar* com *prep. com*. O uso sem *prep.* é também possível. Ver exemplo a seguir, com ou sem *prep.*: *Maria namora (com) Pedro faz cinco anos.*

⁶⁰ Bechara (2001, p. 578) diz: “É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*”.

⁶¹ Luft (2010, p. 375) afirma: “A regência primitiva é de transitivo direto – *namorá-lo* –, aliás no sentido de ‘inspirar amor a’, evolução que é de *enamorar*. Puristas condenam, por isso, a regência *namorar com* [...], que no entanto é normal considerando-se os traços ‘companhia, encontro’ e ‘conversa’”.

⁶² Em Neves (2003, p. 535), observa-se: “Entretanto, ocorre com complemento iniciado pela preposição **com**, o que reflete a ideia de companhia que **namorar** evoca”.

14. verbo **PAGAR**

Este verbo, na acepção de ‘dar quantia em dinheiro’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTDeI (NP)*, com objeto direto de coisa e indireto de pessoa. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTD (NC)*, com complemento de pessoa, sem *prep.*

Seguem, no quadro abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (**GR**); em Dicionários Padrão (**DP**); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (**DUP** e **GUP**).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>VTDeI</i> ⁶³	<i>n/e</i>	<i>VTDeI</i>	<i>VTDeI</i>	<i>VTDeI</i>	<i>VTDeI</i>	<i>VTDeI</i> ou <i>VTD</i> ⁶⁴	<i>VTDeI</i> ⁶⁵	<i>VTDeI</i>	<i>VTDeI</i> ⁶⁶ ou <i>VTD</i>

Quadro 14: catalogação de transitividade do verbo **Pagar** em fontes prescritivas e descritivas.

As fontes prescritivas seguem rigorosamente o padrão, o que talvez confira um caráter de predominância à construção *VTDeI*. Observando Luft (nota 64), e principalmente Neves (nota 66), há, com eles, bons argumentos para a aceitação do uso culto (*VTD*, com *OD* de pessoa).

⁶³ Bechara (2001, p. 578) afirma: “Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Paguei *a conta* ao garção.

⁶⁴ Luft (2010, p. 388) faz a seguinte observação: “*Pagar (algo) a alguém; pagar a ele; pagar-lhe*. Puristas logicistas só aceitam objeto indireto de pessoa com este verbo, condenando a sintaxe evoluída *pagar alguém, pagá-lo*. Esta, no entanto, é de uso frequente e, até literariamente, bem documentada”.

⁶⁵ Transitividade com 47 ocorrências, ou 100% (*NP*).

⁶⁶ Neves (2003, p. 568) afirma: “Entretanto, é usual (48%) a construção com objeto direto (e não com objeto indireto) expressando o credor a que se faz o pagamento”.

Orientação ao professor:

Sugerir o uso padrão (VTDeI), preferencialmente, mas aceitar o uso culto (VTD), com OD de pessoa. Ver exemplo a seguir, extraído de *Corpus* selecionado para este livro: “Dos caieiros, 90% eram arrendatários dos serrotes calcários e pagavam uma renda ao proprietário referente ao calcário extraído para cada fornalha, sendo que alguns proprietários de serrotes também produziam cal, cerca de 10%.” (T3HUnB_09, p. 114)

15. verbo PERDOAR

Este verbo, na acepção de ‘conceder perdão’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTDeI (NP)*, com objeto direto de coisa e indireto de pessoa. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTD (NC)*, com complemento de pessoa, sem *prep.*.

Seguem, no quadro abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (*GR*); em Dicionários Padrão (*DP*); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (*DUP* e *GUP*).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>n/e</i>	VTDeI ou VTD ⁶⁷	VTDeI	VTDeI ou VTD ⁶⁸	VTDeI ou VTD ⁶⁹	VTDeI ou VTD	VTDeI ou VTD ⁷⁰	VTDeI ⁷¹	VTDeI ou VTD	VTDeI ou VTD ⁷²

Quadro 15: catalogação de transitividade do verbo *Perdoar* em fontes prescritivas e descritivas.

⁶⁷ Cunha e Cintra (2008, p. 547) asseveram: “A construção com OBJETO DIRETO de “pessoa”, normal no português antigo e médio, é frequente na linguagem coloquial brasileira, razão por que alguns escritores atuais não têm dúvida em acolhê-la”.

⁶⁸ Em Aulete (2011, p. 1052), nota-se a seguinte observação: “É normal, no português do Brasil, o uso desse verbo com objeto direto de pessoa”.

⁶⁹ Em Aurélio (versão eletrônica), tem-se: “É muito corrente, embora irregular, o uso deste verbo com objeto direto de pessoa”.

⁷⁰ Em Luft (2010, p. 399), tem-se a seguinte observação: “Perdoar algo a alguém é a construção primária, com o objeto direto de coisa e indireto de pessoa. Mas tb. ocorre objeto direto de pessoa, *perdoar alguém (perdoá-lo)*, construção derivada, nos clássicos antigos e modernos [...]”

⁷¹ Transitividade com 2 ocorrências, ou 100% (*NP*).

⁷² Neves (2003, p. 589) afirma: “Contrariamente às recomendações normativas tradicionais, é usual 75% a construção de voz ativa com objeto direto (e não objeto indireto) expressando a pessoa (instituição, etc.) a quem se dá perdão.”.

Mesmo tendo comportamento sintático análogo ao do verbo **Pagar**, as fontes prescritivas e descritivas são muito mais permissivas no sentido de aceitar a construção com **OD** de pessoa. Esta observação, por si só, serve para demonstrar a falta de uniformidade no tratamento de casos análogos, sobretudo nos instrumentos linguísticos.

Orientação ao professor:

Sugerir a dupla possibilidade (VTDeI ou VTD, com OD de pessoa). Ver exemplo a seguir, extraído de *Corpus selecionado para este livro*: “Sólon estabeleceu o direito de testar; aboliu a rigidez das leis de Drácon, dando à legislação ateniense um sentido mais humano; aliviou a miséria do povo com o desagravo que **perdoava aos cidadãos mais pobres parte de seus delitos; instituiu ainda a Areópago, conselho supremo para a custódia das leis e, sobretudo, dos bons costumes” (T5HUSP_09, p. 141).**

16. verbo **PREFERIR**

Este verbo, na acepção de ‘escolher algo entre outros’ e afins, é tradicionalmente tido como **VTI (NP)**, com **prep. a**. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como **VTI (NC)**, com **prep. de** com intensificadores (mais, por exemplo).

Seguem, no quadro abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (**GR**); em Dicionários Padrão (**DP**); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (**DUP** e **GUP**).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
VTI ⁷³	n/e	VTI ⁷⁴	VTI	VTI	VTI ⁷⁵ ou VTD	VTI ou VTD ⁷⁶	VTI ⁷⁷	VTI	VTI ou VTD ⁷⁸

Quadro 16: catalogação de transitividade do verbo **Preferir** em fontes prescritivas e descritivas.

⁷³ Bechara (2001, p. 578) afirma: “É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve-se dizer *prefiro isto àquilo*, *prefiro o teatro ao cinema*”.

⁷⁴ Rocha Lima (2012, p. 534) faz a seguinte observação: “Se bem seja sintaxe usual na língua falada, *preferir... do que* não alcançou estabilizar-se nem na língua literária dos Modernistas de vanguarda, entre os quais só apareceu esporadicamente”.

⁷⁵ Houaiss (versão eletrônica) afirma: “O uso, embora freq. no Brasil, de *preferir* seguido de *do que* não é aceito pela norma culta da língua, embora se abone em escritores modernos e clássicos; o mesmo quanto a *preferir antes*, construção de expressividade pleonástica [...]”.

⁷⁶ Em Luft (2010, p. 413), tem-se: “Por causa do traço semântico *antes* ou *mais* (*preferir* = ‘querer *antes* ou *mais*’) tb. ocorre a sintaxe *preferi-lo (do) que...* aliás, o elemento *antes* (ou *mais*) aparece combinado a *preferir*, pleonasticamente, como a reforçar o traço semântico obscurecido na forma verbal [...] Trata-se de sintaxe oral (pop., fam.), mas há abonações literárias [...] Mesmo assim, em linguagem culta formal cabe a sintaxe primária: *preferir algo ou alguém a*”

⁷⁷ Transitividade com 6 ocorrências, ou 100% (**NP**).

⁷⁸ Neves (2003, pp. 617-618) diz: “A gramática tradicional também recomenda que junto do verbo não se usem intensificadores como **mais**, **mil vezes**, **antes**, uma vez que o verbo **preferir** já tem, pela sua formação, esse valor (‘querer mais’, ‘querer preferentemente’). Ocorre que, exatamente por esse significado de valor comparativo, o falante muitas vezes é levado a expressar o que seria o complemento da comparação (complemento iniciado por **do que** ou por **em vez de**) fazendo construções consideradas incorretas pela gramática normativa [...]”.

Regência Verbal: norma e uso

A argumentação de Bechara (ver nota 73) sobre a noção de preferência ou excelência já estar contida no prefixo talvez tenha alguma relevância histórica como outras já indicadas aqui, mas, num viés puramente sincrônico, ou seja, para o usuário atual da língua, tais noções não são mais percebidas, como afirma Luft (ver nota 76) em: “traço semântico obscurecido na forma verbal”. A observação de Rocha Lima (ver nota 74) talvez não se aplique ao estágio atual e é inclusive contradita pela afirmação de Houaiss (ver nota 75), que diz ser encontrada a construção com *prep.* ‘de’ “em escritores modernos e clássicos”. Elucidativa é a explicação de Neves (ver nota 78) sobre a razão de uso da estrutura comparativa “do que” e “em vez de”. Em suma, não nos parece razoável a argumentação de Bechara, assim como parece defasada a observação de Rocha Lima. Luft, por seu turno, faz uma opção de uso, o que é válido. Neves envereda por uma explicação quanto ao funcionamento semântico da estrutura na sincronia atual.

Orientação ao professor:

Diante do conflito de opiniões, sugere-se tanto o uso padrão (VTI, com prep. a e sem intensificadores), quanto o uso culto (VTI, com prep. ‘de’ e com intensificadores). Ver exemplo padrão a seguir, extraído de *Corpus selecionado para este livro: 1*) “E o homem para se entregar às ‘capas da tranquilidade’ renuncia a sua condição de existente, desvirtuando sua lucidez e coragem, entrega-se à comodidade, ao egoísmo, **prefere a tranquilidade de uma vida monótona, repetida, **a** enfrentar os riscos de uma decisão responsável” (T1HUFPA_08, p. 112).**

17. verbo RESPONDER

Este verbo, na acepção de ‘dar resposta’, ‘dizer em resposta’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTI*, com prep. *a (NP)*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTD (NC)*, sem *prep.*

No quadro 17, constam as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (*GR*); em Dicionários Padrão (*DP*); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (*DUP* e *GUP*).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>n/e</i>	<i>VTI</i>	<i>VTI</i>	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ⁷⁹	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i>	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i>	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ⁸⁰	<i>VTI</i> ⁸¹ ou <i>VTD</i> ⁸²	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ⁸³	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ⁸⁴

Quadro 17: catalogação de transitividade do verbo **Responder** em fontes prescritivas e descritivas.

⁷⁹ No Aulete (2011, p. 1195), assim como no Aurélio, o verbo RESPONDER, na acepção de ‘dizer em resposta’, apresenta a transitividade direta com orações subordinadas. No Houaiss, há este caso e outros como: “r. (*a*) *uma carta*”, frase na qual fica clara a possibilidade ou não de uso da preposição *a*.
⁸⁰ Luft (2010, p. 456) afirma: “Regência primária: *responder a algo* (pergunta, carta, etc.), com objeto direto indeterminado, numa estrutura plena suposta [*alguém responde-algo-a uma pergunta, carta, etc.*]. **Gramáticos e puristas só aceitam essa regência, mas no português brasileiro está consagrada a regência TD que eles condenam**”. (grifo nosso em negrito)

⁸¹ Transitividade com 88 ocorrências, ou 70,4% (*NP*).

⁸² Transitividade com 37 ocorrências, ou 29,6% (*NC*).

⁸³ Em Borba (2002, p. 1373), ver exemplos: “*O São Paulo responde todas as cartas que recebe*” e “*Só então respondeu à pergunta do moço*”.

⁸⁴ Neves (2003, p. 665) separa os dois significados aqui analisados e afirma sobre eles: “1. Significando ‘dar resposta’, usa-se com complemento (pessoa ou coisa) iniciado pela preposição *a*. As lições tradicionais condenam que, com esse significado, se use complemento sem preposição (objeto direto), mas, no caso de complemento não referente a pessoa, essa construção é usual. 2. Significando ‘dizer em resposta’, usa-se com complemento (objeto direto oracional), podendo ocorrer também um complemento iniciado pela preposição *a*, indicando a pessoa a quem se diz tal coisa em resposta”. Este último caso está representado em Aulete, Aurélio e Houaiss.

À exceção de duas fontes prescritivas, as demais, pelo que se pode perceber da leitura das notas 79 a 84, autorizam o uso com **prep. a (NP)** e também o uso sem ela (**NC**).

Orientação ao professor:

Aconselhar um ou outro uso indistintamente. Ver exemplos retirados do *Corpus*: 1) “Isto responde a um questionamento feito pelos autores em [27] sobre uma condição necessária para a existência de solução positiva de menor energia do Sistema (7) quando a dimensão de R^n for maior ou igual a 4” (T2EUnB_11, p. 14) **e/ou** 2) “No exercício 3, o aluno, representado pelo indiozinho, deve alcançar o alto do coqueiro, porém, para alcançar seu objetivo deverá **responder alguns problemas** matemáticos que envolvem as quatro operações básicas (adição, subtração, multiplicação e divisão” (D5EU-FPA_09, p. 64).

18. verbo **SATISFAZER**

Este verbo, na acepção de ‘agradar, contentar’ e afins, é tradicionalmente tido como **VTI**, com **prep. a (NP)**. Há, no entanto, muitos usos cultos escritos dele como **VTD (NC)**, sem **prep.**

Seguem, no quadro abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (**GR**); em Dicionários Padrão (**DP**); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (**DUP** e **GUP**).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>VTI</i>	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i>	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ⁸⁵	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ⁸⁶	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i> ⁸⁷	<i>VTI</i> ⁸⁸ ou <i>VTD</i> ⁸⁹	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i>	<i>VTI</i> ou <i>VTD</i>

Quadro 18: catalogação de transitividade do verbo **Satisfazer** em fontes prescritivas e descritivas.

À exceção de Bechara, todas as fontes em que o verbo foi encontrado trazem as duas possibilidades, o que confirma o alto percentual de ocorrência culta (*VTD*) encontrado no *Corpus* (98,5%).

Orientação ao professor:

Sugerir a transitividade indireta com prep. *a* ou a direta, sem prep., alertando para a predominância desta última. Ver exemplos retirados do *Corpus*: 1) “Aquiescendo, o presidente do Congresso consultou a assessoria da Mesa e identificou três emendas que **satisfaziam às exigências regimentais” (T2HUnB_09, p. 241) e/ou 2) “Note-se que se cuida de um processo complexo que pressupõe não só indicação dos fins e das normas por intermédio dos atos normativos primários, mas também avaliações das situações concretas por parte dos administradores que, à luz da realidade, devem atuar da melhor maneira possível de modo a garantir e **satisfazer o interesse público**” (T1HUSP_10, p. 78).**

⁸⁵ No Aurélio, encontram-se exemplos para as duas regências: na acepção 4, tem-se: “A nomeação para o cargo o satisfêz” (*NC*); e, na acepção 11, tem-se: “os aposentos não satisfizeram às suas exigências” (*NP*).

⁸⁶ No Houaiss, também se encontram exemplos em que se vê a dupla possibilidade de regência para o verbo satisfazer. Tem-se, na acepção 1, “finalmente, pude s. aos meus desejos” (*NP*); e, na acepção 3, “espetáculo que satisfêz o público” (*NC*).

⁸⁷ Luft (2010, p. 475) diz: “Com a reação culta ao *lhe* pop. (*o, a > lhe*), também aqui é possível notar preferência por *satisfazê-lo* no registro formal da linguagem culta”.

⁸⁸ Transitividade com 7 ocorrências, ou 1,5% (*NP*).

⁸⁹ Transitividade com 460 ocorrências, ou 98,5% (*NC*).

19. verbo SOBRESSAIR

Este verbo, na acepção de ‘ser ou tornar-se destacado’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTI, não pron. e com as prep. em, de, entre e dentre (NP)*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTI, pron. e com as prep. em, de, entre e dentre (NC)*.

Seguem, no quadro abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (**GR**); em Dicionários Padrão (**DP**); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (**DUP** e **GUP**).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>VTI não pron.</i>	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	<i>VTI não pron. ou VTI pron.</i> ⁹⁰	<i>VTI não pron. ou VTI pron.</i> ⁹¹	<i>VTI não pron. ou VTI pron.</i> ⁹²	<i>VTI não pron. ou VTI pron.</i> ⁹³	<i>VTI não pron.</i> ⁹⁴ <i>ou VTI pron.</i> ⁹⁵	<i>VTI não pron. ou VTI pron.</i> ⁹⁶	<i>VTI não pron. ou VTI pron.</i> ⁹⁷

Quadro 19: catalogação de transitividade do verbo **Sobressair** em fontes prescritivas e descritivas.

⁹⁰ No Aulete (2011, p. 1273), não há qualquer recomendação de uso para o verbo SOBRESSAIR, quando pronominal.

⁹¹ No Aurélio (versão eletrônica), não há qualquer recomendação de uso para o verbo SOBRESSAIR, quando pronominal.

⁹² No Houaiss (versão eletrônica), há a seguinte recomendação de uso: “GRAM/USO a forma pronominal, embora encontrada, talvez por influência de sinônimos como *destacar-se, distinguir-se*, não se recomenda no registro culto da língua”.

⁹³ Luft (2010, p. 484) observa: “É bastante frequente a pronominalização deste verbo, por influência dos sinônimos *salientar-se, destacar-se, distinguir-se*: ‘... em todos os países do mundo há as mulheres que de dedicam de corpo e alma à elegância para se sobressairem de qualquer modo’ (Clarice Lispector). Tão natural é essa forma que um purista chega a escrever: **‘Parecerá estranho, mas este verbo não se constrói pronominalmente’** (Napoleão Mendes de Almeida). **Na linguagem culta formal, aconselha-se a construção originária, não pronominal.**” (grifo nosso em negrito). Não seria culto formal o uso de que se valeu Clarice Lispector?

⁹⁴ Transitividade com 02 ocorrências, ou 50% (**NP**).

⁹⁵ Transitividade com 02 ocorrências, ou 50% (**NC**).

⁹⁶ Borba (2002, p. 1471) não faz qualquer recomendação de uso.

⁹⁷ Neves (2003, p. 714), diferentemente de Luft, afirma o seguinte sobre a pronominalização do verbo: “Entretanto, embora raramente, encontra-se a forma *sobressair-se*”.

Apenas uma das fontes (Bechara) aventa uma só possibilidade (*NP*). As outras em que o verbo foi encontrado atestam o uso pronominal e somente duas fontes fazem recomendação quanto ao uso sem pronome (Luft e Houaiss). No mais, parece evidente a acolhida da forma culta pronominal.

Orientação ao professor:

Sugerir as duas possibilidades, uma vez que as fontes consultadas autorizam uma ou outra escolha. Ver exemplos extraídos de *Corpus* selecionado para este livro: 1) “É como uma espécie de pano de fundo contra o qual determinados itens **sobressaem em relevo**.” (T3HUnB_09, p. 132) e/ ou 2) “Em novembro de 2007, a Usiminas preparou a noite de homenagem aos destaques em qualidade do ano de 2007 para os profissionais que **se sobressaíram na empresa** pela dedicação e competência e se tornaram referências em seus postos de trabalho. Dentre os 14 homenageados, estava Thaís Regina Morais, que discursou em nome dos colegas.” (T1HUNICAMP_10, p. 141)

20. verbo **SUCEDER**

Este verbo, na acepção de ‘ser substituto ou sucessor’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTI*, com *prep. a (NP)*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTD (NC)*, sem *prep.*

Seguem, no quadro abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (*GR*); em Dicionários Padrão (*DP*); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (*DUP* e *GUP*).

Regência Verbal: norma e uso

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
VTI	n/e	VTI ⁹⁸	VTI ou VTD ⁹⁹	VTI	VTI	VTI ou VTD ¹⁰⁰	VTI ¹⁰¹ ou VTD ¹⁰²	VTI ou VTD ¹⁰³	VTI ou VTD ¹⁰⁴

Quadro 20: catalogação de transitividade do verbo **Suced** em fontes prescritivas e descritivas.

As fontes, mais uma vez, são divergentes: quatro delas, as quais estão entre as prescritivas, só admitem a transitividade indireta (*NP*). Outras cinco apresentam dupla possibilidade, sem fazer qualquer observação valorativa quanto ao uso culto (*NC*).

Orientação ao professor:

Recomendar tanto o uso como VTI, com prep. *a*, quanto o uso como VTD. Ver os exemplos a seguir, extraídos de *Corpus* selecionado para este livro: 1) “Os dados revelam que este é fruto das experiências de organização advindas do Sul do País, **sucedendo aos adjuntos**, sem, no entanto, substituí-los” (T4HUFPA_08, p. 260) **e/ou** 2) “Assim como o romance de enigma **sucedeu o romance** de aventuras ou de cavalaria na passagem dos séculos XVIII e XIX, o chamando romance negro (*roman noir*) ou policial americano marcou outra fase das histórias policiais” (T5HUnB_12, p. 78).

⁹⁸ Afirma o autor: “**em outros tempos regia objeto direto, sintaxe hoje desusada**” (ROCHA LIMA, 2012, p. 524) (grifo nosso em negrito).

⁹⁹ No Aulete (2011, p. 1292), não há qualquer recomendação de uso para o verbo SUCEDER, quando pronominal.

¹⁰⁰ Luft (2010, p. 494) observa: “Com a atual oposição, em muitos verbos, de *o/lhe* como *culto/vulgar* ou *formal/informal*, é compreensível certa inclinação por sucedê-lo na linguagem culta formal”.

¹⁰¹ Transitividade com 04 ocorrências, ou 19% (*NP*).

¹⁰² Transitividade com 17 ocorrências, ou 81% (*NC*).

¹⁰³ Borba (2002, p. 1497) não faz qualquer recomendação de uso.

¹⁰⁴ Neves (2003, p. 726) afirma: “Usa-se também, menos frequentemente, com complemento sem preposição (objeto direto)”.

21. verbo **VIR**

Este verbo, na acepção de ‘deslocar-se de um lugar para outro’ e afins, é tradicionalmente tido como **VTI (NP)**, com *prep. a*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como **VTI (NC)**, com *prep. em*.

Seguem, no quadro abaixo, as informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (**GR**); em Dicionários Padrão (**DP**); em **Corpus** selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (**DUP** e **GUP**).

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	<i>n/e</i>	VTI (<i>prep. a</i>)	VTI ¹⁰⁵ (<i>prep. a</i>)	VTI (<i>prep. a</i>)	<i>n/e</i> ¹⁰⁶			

Quadro 21: catalogação de transitividade do verbo **Vir** em fontes prescritivas e descritivas.

Das dez fontes pesquisadas, três sequer trazem o verbo **Vir** e uma o traz, mas sem a acepção pretendida aqui. Nas seis fontes em que se encontrou o verbo, é unânime o uso da *prep. a*. É interessante notar que, em nenhuma dessas fontes, há a menção de possibilidade de uso da *prep. em* nos complementos relativos. Essa observação fica mais interessante se confrontada com o que se encontrou para o verbo **Ir**, em acepção análoga ao do verbo **Vir**. No caso daquele, em Luft e no **GUP**, há a menção ao uso com *prep. em*. Mais uma vez, é nítido o tratamento irregular dado pelas fontes prescritivas para casos semelhantes.

¹⁰⁵Transitividade com 5 ocorrências, ou 100% (**NP**).

¹⁰⁶Há o verbete para o verbo **VIR**, mas não há a acepção aqui analisada.

Orientação ao professor:

Quanto a este verbo, parece consensual que, na acepção de ‘deslocar-se de um lugar para outro’, a recomendação é usar a *prep. a*. Obviamente, pelo próprio caráter de complemento locativo, o uso da *prep. em*, sobretudo em contextos mais informais de escrita, não deve ser condenado. A orientação de uso da *prep. a* fica, pois, mais restrita a contextos formais de escrita, como no exemplo a seguir, extraído do *Corpus*: “De acordo com a narrativa dessa autora, os imigrantes eram ‘camponeses que quase nada conheciam além da sua aldeia natal, [e para quem] a viagem era quase irreal e fantástica’, posto que eles ‘julgavam que o Amazonas era o maior rio do mundo’ e, ao decidirem **vir ao Brasil** com suas famílias, esse curso d’água passou a ‘fluir’ constantemente em seus pensamentos” (D4HUFPA_08, p. 90).

22. verbo **VISAR**

Este verbo, na acepção de ‘ter em vista, ter por objetivo, pretender’ e afins, é tradicionalmente tido como *VTI (NP)*, com *prep. a*. Há, no entanto, usos cultos escritos dele como *VTD (NC)*, sem *prep.*

As informações quanto à transitividade verbal, colhidas em Gramáticas de Referência (*GR*); em Dicionários Padrão (*DP*); em *Corpus* selecionado para esta pesquisa e em obras descritivas (*DUP* e *GUP*), seguem abaixo:

PRESCRIÇÃO							DESCRIÇÃO		
GR			DP				Corpus	DUP	GUP
Bechara	Cunha e Cintra	Rocha Lima	Aulete	Aurélio	Houaiss	Luft			
<i>VTI</i>	<i>VTD</i> ou <i>VTI</i> ¹⁰⁷	<i>VTD</i> ou <i>VTI</i> ¹⁰⁸	<i>VTD</i> ou <i>VTI</i>	<i>VTD</i> ¹⁰⁹ ou <i>VTI</i>	<i>VTD</i> ou <i>VTI</i>	<i>VTD</i> ¹¹⁰ ou <i>VTI</i>	<i>VTD</i> ¹¹¹ e <i>VTI</i> ¹¹²	<i>VTD</i> e <i>VTI</i>	<i>VTD</i> ¹¹³ e <i>VTI</i>

Quadro 22: catalogação de transitividade do verbo **Visar** em fontes prescritivas e descritivas.

A rápida leitura das notas 107 a 113 demonstra que, no caso particular deste verbo, não há muita discordância, à exceção de Bechara, quanto à dupla possibilidade de uso (*VTD* ou *VTI*).

¹⁰⁷ Cunha e Cintra (2008, pp. 550 e 551) afirmam: “No sentido de “ter em vista”, “ter por objetivo”, “pretender”, pode constituir-se: a) com OBJETO INDIRETO introduzido pela preposição a; b) com OBJETO DIRETO. Esta última construção, condenada por alguns gramáticos, é a dominante na linguagem coloquial e tende a dominar também na língua literária, principalmente quando o complemento vem expresso por uma oração reduzida de infinitivo”.

¹⁰⁸ Rocha Lima (2012, p. 541) já reconhecia o uso do verbo como *VTD* e enuncia do seguinte modo o seu entendimento: “No sentido de *ter em vista um fim, pretender*, deve empregar-se de **preferência** com a preposição a, posto que se amiúdem, **na linguagem contemporânea**, os exemplos com **objeto direto**” (grifo nosso em negrito).

¹⁰⁹ No Aurélio (versão eletrônica), tem-se a seguinte observação: “Os exemplos de visar, nesta acepç., como transitivo direto, poderiam facilmente ser multiplicados. **Não há razão, pois, para condenar esta regência**, só admitindo a seguinte” (grifo nosso em negrito).

¹¹⁰ Luft (2010, p. 534) traz o seguinte argumento sobre a acepção em análise: “(...) a regência primária é **TI visar a...** Por causa da semântica ‘buscar, procurar; pretender...’, passou a aceitar tb. a transitividade direta, dispensando a preposição. **Isto se deu, de início, principalmente com o infinitivo**” (grifo nosso em negrito).

¹¹¹ Transitividade com 325 ocorrências, ou 67,4% (*NC*).

¹¹² Transitividade com 157 ocorrências, ou 32,6% (*NP*).

¹¹³ Para Neves, (2003, p. 792): “é comum o uso de complemento sem preposição (objeto direto) mesmo quando ele não é oracional. Isso ocorreu: no geral, em cerca de 70% dos casos; com infinitivo, em cerca de 80% dos casos, e **com complemento não-oracional, em cerca de 55% dos casos**” (grifo nosso em negrito).

Orientação ao professor:

Usar tanto a *prep. a*, quanto não usá-la. Está-se diante de um caso claro de formas variantes e a escolha de uma ou de outra forma é igualmente válida. Ver, para este caso, os exemplos a seguir, extraídos do *Corpus*: 1) “Daí o porquê de o âmbito de atuação das chamadas normas de ordem pública ser tipicamente de caráter negativo (envolvendo obrigações de não fazer), refletindo as imposições do Estado que **visam à manutenção da liberdade no mundo das relações privadas” (T1HUSP_10, p. 132) e/ou 2) “Este trabalho **visa explorar** a relação entre otimização e desigualdades variacionais com o objetivo de transpor algoritmos para solução de problemas de programação matemática para um contexto mais geral” (D5EUSP_07, p. 08).**

A proposta de comparar as regras encontradas em instrumentos linguísticos (gramáticas e dicionários), que exemplificam o que aqui se denominou de Norma Padrão (*NP*), com os usos efetivamente realizados por pessoas cultas, o que aqui se denominou de Norma Culta (*NC*), permitiu não só ver a discrepância entre elas, mas, principalmente, ver que, entre os próprios instrumentos linguísticos, há evidentes divergências, as quais precisam, urgentemente, ser objeto de reflexão, como a que aqui se propõe. A consequência disso é, certamente, uma postura mais crítica diante desses materiais, que não podem e não devem ser entendidos como a verdade absoluta em matéria de língua.

Creemos ser de extrema importância, tanto ao professor quanto ao aluno, confrontar suas fontes de consulta, ou ainda, é desejável que sejam consultadas sempre mais de uma fonte e que, só a partir disso, sejam emitidas opiniões mais bem fundamentadas sobre estas ou aquelas regras. Este é, pois, o intuito deste material: propor o exercício cotidiano do confronto de várias fontes, sejam elas as prescritivas ou as descritivas, sob a pena de se perpetuar os tão comuns discursos equivocados sobre o ensino de língua portuguesa.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa* [organizador Paulo Geiger]. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: 2001.
- BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Versão 7.0.0, 5 ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles e MELLO, Francisco Manoel de. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, Versão 3.0, Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 9 ed. São Paulo: Ática, 2010.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 50ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

